

DO LIVRO DIDÁTICO AO TEXTO DO ALUNO: AS SUBORDINADAS ADVERBIAIS PARA ALÉM DAS CONJUNÇÕES E CLASSIFICAÇÕES

Leandro Dias Salvaterra
Universidade do Estado de Mato Grosso
(ld11071998@gmail.com)

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo explicar e descrever os usos não-padrão das orações subordinadas adverbiais no texto dos alunos de 9º e 3º anos do município de Nova Lacerda - MT. Para dialogar com nosso trabalho, utilizamos gramáticas de teor tradicional, como Cunha e Cintra (1985) e Bechara (2010) e funcional, correspondendo às gramáticas da Neves (2001) e de Castilho (2010). O corpus que compõe os resultados da análise são textos (dissertativo argumentativo e carta de solicitação argumentativa) coletados dos alunos, assim como utilizamos os livros didáticos para explicar as ocorrências que não estão prescritas na norma-padrão. Pôde-se verificar que os livros didáticos utilizados contribuem para o tipo de escrita dos alunos, visto que as conjunções são abordadas como determinantes do tipo de subordinação e a classificação é tida como mais importante do que seu efeito semântico.

Palavras-chave: Oração subordinada adverbial. Livro didático. Gramática. Ensino de língua portuguesa.

DOI: <https://doi.org/10.32988/rep.v10n1.1137>

Dossiê "Possibilidades de trabalho com a Língua Portuguesa"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 1	1-20	e021007	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Leandro Dias Salvaterra

Possui graduação em Letras- inglês pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT); especialização (lato sensu) em Estudo da Gramática da Língua Portuguesa pela Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE).



<http://lattes.cnpq.br/1702854106296663>



<https://orcid.org/0000-0003-0682-7538>

DOI: <https://doi.org/10.32988/rep.v10n1.1137>

Dossiê "Possibilidades de trabalho com a Língua Portuguesa"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 1	1-20	e021007	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

DO LIVRO DIDÁTICO AO TEXTO DO ALUNO: AS SUBORDINADAS ADVERBIAIS PARA ALÉM DAS CONJUNÇÕES E CLASSIFICAÇÕES

Leandro Dias Salvaterra¹

Universidade do Estado de Mato Grosso

(ld11071998@gmail.com)

Introdução

O ensino do período composto é importante enquanto desencadeador de argumentos dentro do texto, seja para evidenciar a pessoa/pensamento do/no discurso (substantiva); para explicar ou restringir informações (adjetivas), assim como detalhar, de modo mais específico, informações adicionais (adverbiais). Cada uma das orações subordinadas possui uma função específica, por isso merece mais estudos voltados ao seu processo de ensino-aprendizagem.

Neste trabalho, restringimo-nos às orações subordinadas adverbiais, sobretudo no modo como o livro didático as abordam, para isso, fundamentamo-nos nas Gramáticas Tradicionais de Cunha e Cintra (1985) e Bechara (2010), Gramáticas Funcionais como Castilho (2010) e Neves (2001), assim como em teses, artigos e livros didáticos. Nosso objetivo, neste trabalho, é compreender e explicar os usos não-padrão das orações adverbiais no texto de alunos do município de Nova Lacerda-MT, 9º e 3º anos de escolas públicas; comparar as ocorrências com as gramáticas, respondendo se esses usos não-padrão das adverbiais no texto dos alunos são consequências da abordagem nos livros didáticos selecionados, que foram: *Português Linguagens* (2015), dos autores William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães (9º ano) e *Português Contemporâneo: Diálogo, reflexão e uso* (2016), dos autores William Roberto Cereja, Carolina Dias Vianna e Christiane Damien (3º ano). O primeiro teve o ano de 2019 como o último de seu uso e o segundo está em vigor até o presente ano de 2020.

Em um primeiro momento, abordamos o ensino de língua, especificamente de Língua Portuguesa, associada frequentemente ao ensino de gramática, isto é, como sistema que normatiza regras a serem seguidas. Para essa discussão, pautamo-nos em Antunes (2007, 2009, 2014) e Neves (2008). A visão de que língua corresponde à gramática faz parte do imaginário de alunos, professores e pais. Para Antunes (2007: 39), isso acontece por se “acreditar que a

¹ Possui graduação em Letras- inglês pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) e especialização em Estudo da Gramática da Língua Portuguesa pela Universidade do Oeste Paulista.

DOI: <https://doi.org/10.32988/rep.v10n1.1137>

Dossiê “Possibilidades de trabalho com a Língua Portuguesa”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 1	1-20	e021007	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

língua é constituída de um único componente: a gramática”, isto é, sabendo gramática se sabe e se domina a língua que se fala.

Apresentamos o modo como as gramáticas abordam as subordinadas adverbiais e suas alternativas semânticas, para a partir disso explicar os usos não-padrão, bem como os livros didáticos para justificá-los. Um dos principais problemas no ensino, de acordo com Criscuolo (2007), é o ensino tradicional apegado ao formalismo, que não leva em consideração os sentidos que resultam nos diversos contextos pragmáticos nos quais se inserem as frases e as orações. Neste sentido, em caminho contrário, para proceder com este estudo, consideramos os aspectos semânticos do texto fundamentais para se realizar o trabalho com a sintaxe.

Além disso, pudemos constatar com este trabalho que os livros didáticos atribuem às conjunções subordinativas o poder da subordinação, entretanto, Bechara (2010: 11) argumenta que “essa ideia de conceber as ‘conjunções subordinativas’ como elementos que ‘unem’ orações nasce do falso paralelismo entre subordinação (hipotaxe) e coordenação (parataxe)”, e ainda conclui afirmando que elas não passam de morfemas subordinativos, ou seja, não são determinantes do tipo de subordinação, apenas auxilia para que ela aconteça.

Ensino de língua nas escolas

Ensinar língua, para muitos, é ensinar gramática e, quando falamos em termos de gramática, nos referimos ao ensino dela como regras para falar, ler e escrever bem. Dessa concepção se perpetua o estudo isolado da língua que desconsidera sua variação e os contextos de uso. Essa desconsideração do uso mostra a gramática como um modelo perfeito de aplicação de regras, excluindo as demais formas de funcionamento. Esse pensamento ainda se faz presente nas aulas de Língua Portuguesa.

Antunes (2007) apresenta uma curiosidade de como as pessoas analfabetas pouco questionam a Língua Portuguesa ou a gramática como “difíceis”, mas que a partir do momento em que passamos a frequentar a escola, ficamos convencidos desta visão, sentindo-nos usuários que não sabem usar nossa própria língua e, a partir disso, surge o questionamento de como ensinar/aprender Língua Portuguesa.

Abordando o material de ensino, sabemos que os exemplos gramaticais que o constitui são solidificados a ocorrências específicas do uso, comprometendo a aprendizagem do aluno a outras circunstâncias funcionais de exemplos semelhantes, pois como afirma Antunes (idem, p. 74), “nenhuma língua tem seus padrões absolutamente fixos e invariáveis”. Ou seja, todos esses exemplos que os manuais de ensino apresentam sobre a língua como exemplos perfeitos de ocorrências do seu funcionamento serão apenas por um determinado tempo, já que o modo como os falantes interagem com a língua é que determina a sua variação. Desta forma, estruturas novas vão sendo desenvolvidas e por esta razão o trabalho das escolas deveria partir de padrões reais de uso e não de padrões ideais.

DOI: <https://doi.org/10.32988/rep.v10n1.1137>

Dossiê “Possibilidades de trabalho com a Língua Portuguesa”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 1	1-20	e021007	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

O ensino de língua, por ser normalmente confundido com o de gramática², prioriza o seu ensino por meio das nomenclaturas. Antunes aborda um questionamento feito por uma professora que faz a seguinte pergunta: “nas primeiras séries, a gramática não poderia ser retirada totalmente?” (idem, p. 80), demonstrando a preocupação dos professores com o ensino de gramática nas escolas, sobretudo nas séries iniciais. Podemos depreender que, segundo eles, naquele momento começa a visão assustadora dos alunos sobre língua. No entanto, a autora contesta se seria necessário retirar o ensino de gramática ou das nomenclaturas, pois para Antunes (2007, p.80), “a gramática nunca pode ser retirada da língua. Nem cedo, nem tarde. Nem pouco, nem muito. Ela está na língua. Ela é parte da língua.”.

Falar de ensino de língua envolve falar de sua variação. Como salienta Neves (2008, p. 20), é necessário “entender que a língua não é um sistema uno, invariado, mas, necessariamente, abriga um conjunto de variantes”. Essa é uma das razões por que não se deve trabalhar o ensino de língua de modo descontextualizado e isolado dos usos reais. A autora afirma ainda que “no tratamento escolar, a variação não pode ser vista como ‘defeito’, ‘desvio’, e a mudança não pode ser tida como ‘degeneração’, ‘decadência’”. Isto significa que não devemos tomar a variação, ou os usos não correspondentes ao padrão, como erro, equívoco.

Nas escolas, quando professores afirmam estarem fartos de teorias, exigindo mais praticidade, talvez, como propõe Antunes (2014), estejam reivindicando teorização contextualizada, ligadas às demandas sociais que considere a realidade, visto que há sempre um contexto em que aquilo que dizemos produz um determinado efeito de sentido, portanto, uma função comunicativa e discursiva que deve ser explorada.

Para Neves (2008), o mau resultado do ensino de língua se justifica pelo equacionamento entre a língua falada e escrita. Tal separação pode ser percebida na escolha de exemplos de ocorrências usados pelos autores de livros didáticos: fragmentos literários, desconsiderando a fala. Antunes (2007) dialoga com Neves (2008) quando apresenta os manuais de gramática e afirma que eles passaram a ditar a língua, o que deve e não deve ser considerado certo e errado. Pela confiança credenciada a esses manuais, tornamo-nos reféns dos autores destes livros, que nos deixam subordinados a sua concepção de língua.

Abordagens tradicional e funcional sobre as orações subordinadas adverbiais

Para Cunha e Cintra (1985, p. 589), as orações subordinadas adverbiais “funcionam como adjunto adverbial de outras orações e vêm, normalmente, introduzidas por uma das conjunções subordinativas (com exclusão das integrantes que, vimos, iniciam orações

² A gramática que nos referimos é aquela que Antunes (2007) afirma contemplar apenas usos aceitáveis no domínio normativo, definindo o certo e como dever ser, e por oposição define o errado, isto é, sistematiza a língua com regras a serem seguidas.

DOI: <https://doi.org/10.32988/rep.v10n1.1137>

Dossiê “Possibilidades de trabalho com a Língua Portuguesa”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 1	1-20	e021007	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

substantivas)”. Após a conceituação, os autores partem para as classificações. A primeira a ser apresentada é a adverbial causal, que é explicada da seguinte forma:

“Causais, se a conjunção subordinativa é causal:

Ex: “Não veste com luxo / **porque o tio não é rico.**” (Machado de Assis)

Os autores falam da função das orações adverbiais, ou seja, que funcionam como adjunto adverbial de outra oração, porém, ao tratarem da classificação, não discutem a relação de causalidade, dando a impressão de que o sujeito leitor já conhece o conceito da terminologia ali mostrada. Outro fator a se considerar é a exemplificação, retirada de obra de Machado de Assis, portanto, exemplo gramatical literário, além disso, os autores não exploram os efeitos discursivos e semânticos destas orações causais, e como habitual, exemplifica a relação com um único exemplo.

Segundo Bechara (2006, p. 471), as orações subordinadas adverbiais “exercem função própria de advérbio ou locução adverbial e podem ser substituídas [...]”, neste caso, por advérbio ou por locução adverbial. Logo depois ele apresenta algumas classificações destas orações, as quais podem ser feitas substituições. Para exemplificar, o autor apresenta o seguinte fragmento:

“Janete estuda mais que trabalha”.

Percebe-se aí que a oração subordinada *que trabalha* está junta ao advérbio “mais”, e que de modo geral, a expressão *mais que trabalha* apresenta uma comparação em relação ao termo antecedente, funcionando como um adjunto adverbial do predicador “estuda”. Além disso, o autor, diferente de Cunha e Cintra, não usa de exemplo gramatical literário, mas apresenta, de um teor bem tradicional, o uso de substituição para identificação.

Castilho, à luz da Gramática Funcional, ao tratar das orações adverbiais afirma o seguinte:

Imagine a cena: você pretende ficar em dado lugar, porém a situação discursiva em que se encontra exige algo mais do que simplesmente declarar Ficarei. Por qualquer razão, não cairá bem se você for tão telegráfico, tão econômico em seus meios verbais. Você, definitivamente, precisará **acrescentar informações adicionais a isso. Ah, meu amigo, nessa hora você caiu em cheio nos braços das sentenças adverbiais!** Elas existem para fornecer informações desse tipo. (CASTILHO, 2016, p. 371, grifo nosso).

DOI: <https://doi.org/10.32988/rep.v10n1.1137>

Dossiê “Possibilidades de trabalho com a Língua Portuguesa”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 1	1-20	e021007	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

A definição de Castilho sobre as adverbiais se diferencia das definições anteriores por iniciar considerando a situação discursiva como decisiva na construção da informação que se pretender dizer, logo já a conceitua com base em sua função no discurso, afirmando ser ela responsável pelas informações adicionais acerca do predicador verbal. Com isso, em tom de proximidade com o leitor, diz termos caído “nos braços” das sentenças adverbiais, sendo esta uma forma de facilitar a compreensão do leitor quanto à função e relação semântica. Para exemplificar as ocorrências, o autor não usa a expressão “classificação”, mas sim “alternativas”, o que distancia da visão tradicional. Vejamos:

- a) Ficarei **porque** Maria vem.
- b) **Se** Maria vier eu fico.
- c) Ficarei **quando** Maria vier.
- d) Ficarei **para que** Maria venha.
- e) Ficarei, **embora** Maria venha.
- f) Ficarei mais tempo **do que** Maria pensa.
- g) Ficarei tanto tempo **que** Maria se chateará.
- h) Maria falou alto, **como costumava fazer**.
- i) Inscrevi-me entre os pretendentes a Maria, **à medida que ela os chamava para o teste**.

(CASTILHO, 2016, p. 371)

No exemplo das alternativas, percebemos que o predicador ficar ganha vários contextos discursivos que contemplam as variações de uso, em que as sentenças em destaque evidenciam as informações adicionais. É interessante observar que Castilho (2016, p.372) também apresenta, esclarecendo ser pela tradição gramatical, haver uma tipologia para essas sentenças, e a partir desse momento evidencia as classificações apresentadas. Todavia, salienta, que se for analisar todas as alterações semânticas provocadas pelas sentenças adverbiais na sentença *matriz*, ter-se-ia uma tipologia inesgotável, ou seja, o autor considera o aspecto sintático-semântico, pragmático e discursivo para esclarecer ao leitor o que seria as orações adverbiais.

Na gramática da Neves (2000) não há uma definição de oração subordinada adverbial, assim como de oração subordinada, a autora preocupa-se em trabalhar as relações expressas por essas orações, assim como suas construções no discurso. Ao tratar das adverbiais temporais, por exemplo, a autora diz que “a ordem relativa das **orações** é pertinente para a interpretação do efeito de sentido.” (NEVES, 2000, p. 787), isto é, a autora considera o uso discursivo, logo, a sua variação para determinar o sentido, assim como faz Castilho (2016).

Professores de Língua Portuguesa costumam recorrer ao livro didático (LD) pelo fato de os textos a serem interpretados estarem em suas páginas, como os conteúdos que

DOI: <https://doi.org/10.32988/rep.v10n1.1137>

Dossiê “Possibilidades de trabalho com a Língua Portuguesa”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 1	1-20	e021007	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

abordam a sua interpretação. Deste modo, fica evidente que não há como recusá-lo, e que nem é o propósito. O desafio é saber utilizá-lo, e até quando utilizá-lo.

Tomarmos como verdade tudo que vem dito sobre gramática e seus usos e sobre os textos e suas abordagens tira de questão concepções linguísticas mais atuais que consideram o texto, o contexto, o linguístico e o extralinguístico. Souza (2018) apresenta como um dos resultados de sua pesquisa um levantamento feito com base na pergunta se o professor segue a proposta do livro didático de português para dar suas aulas ou não. 80% confirmaram que sim, evidenciando que o LD é o principal material utilizado pelo professor na sala de aula. Por isso pode tornar-se para os alunos seus únicos manuais de consulta sobre sua própria língua, daí a importância de abordagens de ensinamentos variados.

Crisóstomo (2013) afirma que

os LDs de Língua Portuguesa surgem como são hoje a partir do crescimento da rede escolar, o que, conseqüentemente, levou ao aumento do número de professores. Com essa demanda de docentes, os cursos de Letras começaram a ser criados sem maiores exigências, o que implicou na má qualificação dos profissionais na área de Língua Portuguesa. Desse modo, ao chegarem à sala de aula, os docentes viam no LD a solução para seus problemas. (CRISÓSTOMO, 2013, p. 28)

A autora acima justifica o mau ensino da língua como consequência da má formação dos professores do curso de Letras, que, ao saírem da faculdade e irem à escola, veem o LD como a solução para seus problemas, já que nele há todos os conteúdos “prontos e acabados”, e, para facilitar mais ainda, trazem sugestões de textos ou questões a serem trabalhadas, dando comodidade ao professor e o regrado de ir mais adiante, pois para muitos, o sucesso escolar está ligado à presença do LD.

Sobre trabalhar com o ensino de Língua Portuguesa, Barbosa (2009) argumenta que devemos ir além do certo e errado, devemos compreender a língua no seu funcionamento, e esse funcionamento são nos textos orais e escritos produzidos pelos alunos. Partindo dessa visão é que pretendemos iniciar nossa análise, reiterando da importância do LD para evidenciar nossa hipótese, já que ele é tido para muitos como modelo pronto e acabado de ensino, devendo, desta forma, produzir os efeitos de aprendizagem desejados.

Análise: Usos inadequados das orações subordinadas adverbiais

Travaglia (2017) afirma que o homem se comunica por meio de textos, em que o comunicar-se implica produzir de alguma forma, linguística ou não, efeitos de sentido entre o produtor e o receptor, ou seja, com outras palavras, entre o seu escritor e o seu leitor. As

DOI: <https://doi.org/10.32988/rep.v10n1.1137>

Dossiê “Possibilidades de trabalho com a Língua Portuguesa”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 1	1-20	e021007	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

orações subordinadas adverbiais desempenham um papel importante na produção textual, pois são elas as responsáveis pelas informações sobre determinados assuntos e saber usá-las faz do produtor do texto, um escritor objetivo, preciso com aquilo que quer transmitir ao leitor. Como reitera Malcon (2006):

o estudo das orações subordinadas adverbiais é um poderoso instrumento para a interpretação e a construção de textos narrativos e dissertativos. A expressão apropriada das diversas circunstâncias relacionadas com essas orações permite o desenvolvimento mais coerente de seqüências de fatos (das quais participam indicações de tempo e de causa e consequência, principalmente) e de procedimentos argumentativos (dos quais podem participar todas as circunstâncias). (MALCON, 2006, p. 81-82)

O produtor de textos dissertativos e/ou argumentativos devem estabelecer uma boa relação sintático-semântica justamente pela característica persuasiva do gênero, porém, os textos usados para análise apresentam usos não-padrão das orações adverbiais, como mostraremos a seguir, estabelecendo a relação de causa e consequência, apoiando-nos nas gramáticas e no material de evidências: o livro didático.

Como salientado, o tipo textual cobrado dos alunos de 9º ano foi uma carta de solicitação argumentativa e do 3º ano, texto dissertativo-argumentativo.

Começamos apresentando os conceitos de orações adverbiais de acordo com os livros didáticos, ressaltando que L1 refere-se ao livro didático do 9º ano e L2 ao livro didático do 3º ano.

L1: “Oração subordinada adverbial é aquela que tem valor de advérbio (ou locução adverbial) e exerce, em relação ao verbo da oração principal, a função de adjunto adverbial.” (CEREJA; MAGALHÃES; 2015, p. 79)

L2: “São as que desempenham a função de advérbio em relação ao verbo da oração principal. Da mesma forma que o advérbio, elas também expressam valores semânticos de tempo, lugar, causa, condição, etc.” (CEREJA; VIANNA; DAMIEN; 2016, p.333)

Ao falarem da função, deveriam refletir o seu uso no texto, pois falarem que as adverbiais têm a função de adjunto adverbial ou advérbio poderá não surtir o efeito desejado, ou seja, a compreensão por parte dos alunos. Uma possibilidade de ensino mais produtivo seria, talvez, mostrar que as orações adverbiais têm a função informativa dentro do texto. Considerando, a partir daí, as relações semânticas no discurso. Como se percebe, a conceituação é insuficiente para levar o aluno à percepção das relações semânticas estabelecidas e posterior uso nos textos.

DOI: <https://doi.org/10.32988/rep.v10n1.1137>

Dossiê “Possibilidades de trabalho com a Língua Portuguesa”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 1	1-20	e021007	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

O L1 aborda como introdução ao conteúdo a tira de Fernando Gonsales: *Cadê o ratinho do titio*, conforme se vê na imagem 01:

A língua em foco

AS ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

CONSTRUINDO O CONCEITO

Leia a tira a seguir.

1. Releia o segundo balão do último quadrinho. O enunciado é um período composto.

a) Quantas orações há nesse período? b) Qual é a oração principal?

2. A respeito da oração "Quando cai uma estrela cadente", indique, no caderno, o tipo de relação que ela mantém com a outra oração?

a) causa b) consequência c) finalidade d) tempo

3. O humor da tira resulta do absurdo da situação e da resposta do ratinho no último quadrinho. Explique esse absurdo.

CONCEITUANDO

Conforme você pode observar, o enunciado do quadrinho é formado por duas orações. Uma delas indica a **circunstância** (de tempo) relacionada ao verbo da oração principal (**descontar**), ou seja, exerce um papel que normalmente cabe aos advérbios.

No momento, eu desconto do total. (or. adj. de tempo) Quando cai uma estrela cadente, eu desconto do total! (or. subordinada adverbial temporal) or. principal

Em relação à oração **Quando cai uma estrela cadente**, note que:

- ela desempenha, em relação ao verbo da oração principal, uma função semelhante à dos advérbios: indica **quando** (o tempo) o ratinho desconta do total;
- ela está sintaticamente **subordinada** à oração principal, desempenhando um papel equivalente ao de adjunto adverbial do verbo da oração principal; por isso, é chamada de **oração subordinada adverbial**.

Assim, concluímos:

Oração subordinada adverbial é aquela que tem valor de advérbio (ou de locução adverbial) e exerce, em relação ao verbo da oração principal, a função de adjunto adverbial.

Imagem 01. Fonte: Português linguagens: 9º ano. William Cereja e Thereza Cochar, 2015.

“Um... dois... três... quatro... cinco... seis... **cinco**... seis... sete... oito... **sete**... oito... nove... Que conta é essa? Quando cai uma estrela cadente, eu desconto do total.” (Fernando Gonsales, *Cadê o ratinho do titio*. São Paulo: Devir, 2011, p. 10). Os exercícios exigem do aluno três habilidades: de quantificação, identificação e classificação. Nenhuma questão contemplou a prática discursiva. No exercício 2, por exemplo, que pede para o aluno identificar o tipo de relação que uma oração mantém com a outra, não explora a relação lógico-semântica entre as orações, apenas a classificação, como se o importante fosse apenas identificar/indicar, nada mais.

DOI: <https://doi.org/10.32988/rep.v10n1.1137>

Dossiê “Possibilidades de trabalho com a Língua Portuguesa”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 1	1-20	e021007	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

Uso inadequado das orações subordinadas adverbiais final e causal

Texto B1:

“Podemos destacar dois problemas **para que** essa questão aconteça, o problema financeiro e o problema de falta de atenção familiar.”

No trecho acima, analisando sob a ótica da sintaxe, não há erro de estrutura e uso da conjunção subordinativa de finalidade, porém, há erro semântico de seu uso. O trabalho com o LD, que privilegia forma e não o sentido e função, contribui para ocorrências de sentenças inadequadas como as do texto B1, mesmo que às vezes se compreenda o que o escritor optou por dizer, e assim vice-versa. A questão de que trata o texto, a de criminalidade, acontece porque existem dois fatores que a promove: o problema financeiro e o familiar. Entretanto, como parte introdutória, em que se devem apresentar as razões pelas quais acontece a questão, o produtor do texto utilizou da oração final para esboçar essa ideia de causa, ocasionando o erro semântico.

Sobre a oração subordinada adverbial final, a GT de Cunha e Cintra (1985) aborda ser aquela que possui uma conjunção subordinativa final. O problema desta definição é que passa ao leitor e aluno a compreensão de que a conjunção é que determina o tipo de oração e seu valor semântico, isto é, se possui uma conjunção que tem por função finalidade, é uma oração subordinada adverbial final, o que propicia o uso não-padrão, visto que a conjunção não determina o tipo de oração subordinada. Já na GF de Neves (2001), as orações finais se caracterizam semanticamente por expressarem contextos de finalidade ou propósito, ou seja, o contexto semântico determina o uso, mas o aluno não demonstrou esse domínio. Os LDs analisados afirmam que as orações finais são aquelas que indicam finalidade de uma ação praticada/expressa na oração principal.

O L1, por exemplo, após a definição de finalidade, explica que elas são introduzidas por conjunções como **para que**, **a fim de que** etc, e usa como exemplo o seguinte enunciado: “Trabalhei muito **para tirar férias no final do ano**”. (CEREJA, THEREZA, 2015, p.83), ou seja, o L1 mostra com quais conjunções normalmente são introduzidas as adverbiais finais, e para exemplificar usa uma reduzida, que ainda nem foi explicada, proporcionando ao aluno, possivelmente, a compreensão de que usar o **para** em uma frase qualquer já se garante o efeito de finalidade. Este problema, como visto, se estende para o modo como se ensina as demais conjunções subordinativas. No L1, há uma atividade que exige do aluno a habilidade de substituir conjunções por outras para se ter o efeito de causa. Vejamos:

6. Para indicar que um fato é causa de outro, podemos empregar no início de orações:

- **conjunções e locuções conjuntivas:** porque, como, já que [...]
 - **preposições ou locuções prepositivas:** por, por acaso, por causa de [...]
- (Idem, 2015, p.88)

DOI: <https://doi.org/10.32988/rep.v10n1.1137>

Dossiê “Possibilidades de trabalho com a Língua Portuguesa”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 1	1-20	e021007	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

E como forma de exercitar, solicita o seguinte:

“Reescreva as frases seguintes, substituindo a conjunção subordinativa causal por uma preposição e, em seguida, por **como**, fazendo as adaptações necessárias. Veja o exemplo:”

Ela abandonou os estudos, **porque** mora muito longe da escola.

Ela abandonou os estudos **por** morar muito longe da escola.

Como mora muito longe da escola, ela abandonou os estudos.

- a) Você tem perdido bons negócios, porque é negligente.
- b) Os alunos do noturno foram dispensados, porque faltou energia elétrica. [...] (Idem, 2015, p.83)

Como apresentado acima, os exercícios cobrados no LD são mecanizadores, em que os exemplos já são suficientes para fazer com que os alunos saiam fazendo as substituições sem nenhum esforço, até mesmo sem ler o que escrevem. Por esta razão, acham estar mantendo relação de causa em qualquer contexto que fizerem tal substituição. A prática de ensino aqui observada apresenta apenas a conjunção subordinativa como fator de subordinação, ou seja, fazendo a troca ou o uso de uma pela outra. Os autores reiteram da necessidade de manter relação entre a oração subordinada e principal para ter uma oração causal. Esse modo de ensinar contribui para erros como o encontrado no texto B1, em que se usou uma construção sintática de finalidade para exprimir uma relação semântica de causalidade. Observem também que a prática discursiva proporcionada aos alunos pelo LD é a reescrita das frases, que se mostra insuficiente para um bom domínio textual.

O excerto seguinte, do texto A1, evidencia que a prática de substituição com foco apenas na conjunção subordinativa não produz efeito.

Texto A1:

“Os alunos reuniu se, após entrevistar outros alunos sobre o assunto e concluiu que o tempo do recreio está muito curto. **Embora** o tempo está curto, não estamos tendo tempo de lanchar e usar o banheiro ou até usar o bebedouro.”

O **embora** no contexto acima não apresenta relação de concessão, o aluno deste texto tentou manter relação de causa, pois, para se ter uma concessiva, neste contexto, haveria de ter um ato contrário na oração subordinada em relação ao ato da oração principal, além de ter o verbo flexionado no pretérito imperfeito do modo subjuntivo, que é comum neste tipo de construção, percebam que na oração principal os alunos não estão lanchando direito por um motivo, que é o tempo curto de recreio, por isso do efeito de causa e não de concessão, além

DOI: <https://doi.org/10.32988/rep.v10n1.1137>

Dossiê “Possibilidades de trabalho com a Língua Portuguesa”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 1	1-20	e021007	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

disso, o verbo **está** encontra-se no modo indicativo, típico de construção causal, como salienta Neves (2001).

Na GT de Bechara (2010), sobre as concessivas, o autor afirma que a oração subordinada apresenta um obstáculo, seja real ou suposto; já a GF de Castilho (2016) afirma que a concessiva deve estabelecer um contraste com a matriz. Os LDs apresentam-nas como aquelas que possuem um fato contrário ao expresso na oração principal. Podemos refletir a partir disso que, se a prática de substituição de uma conjunção subordinativa causal por outra produzisse o efeito esperado pelos autores ao apresentarem o exercício (6), não haveria erro de seu uso nos textos como encontramos. Esse excerto mostra, mais uma vez, que essa prática de ensino focado nas conjunções e suas classificações pode favorecer usos de falsas subordinativas ou estruturas sintáticas.

Além disso, essa prática de ensino produz no aluno o efeito de decorar as conjunções mediante a sua classificação, como se percebe no exemplo abaixo ainda do texto A1:

Texto A1:

“Por conseguinte, sugerimos o aumento do tempo do recreio para fazer nossos afazeres.

A fim de que nosso posicionamento sobre a causa, encaminho, em anexo, um abaixo-assinado dos moradores”.

A conjunção **a fim de que**, que tem valor semântico de finalidade, não mantém relação alguma no enunciado acima, tanto na estrutura quanto no sentido, levando-nos a pressupor que o aluno a usou por ouvir do professor que a conjunção deve ligar orações. O aluno desconsiderou o aspecto semântico, evidenciando que ele apenas decorou a locução *a fim de que* e a usou sem se preocupar com seu valor dentro do texto, dificultando a recuperação da mensagem que ele quis transmitir.

Uso inadequado da oração subordinada adverbial temporal

Vejamos o trecho abaixo:

Texto B2:

“A maior parte dos jovens, mata por namorada. e também bulém. Que mundo esta com tantos jovens perdido em coisas errada. e muito triste ouvir isso e **saber quando** um jovens perdem a vida.”

DOI: <https://doi.org/10.32988/rep.v10n1.1137>

Dossiê “Possibilidades de trabalho com a Língua Portuguesa”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 1	1-20	e021007	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

Nesse trecho, o escritor do texto queria manter uma relação temporal, no sentido de: **quando** sabemos que um jovem perde a vida, é muito triste. Sobre as orações temporais, a GT de Bechara (2006) afirma ser aquela oração que denota na oração principal o tempo de sua realização; já na GF de Castilho (2016), são aquelas que expressam um tempo anterior ou posterior à matriz, sendo **quando** a conjunção temporal prototípica. Os LDs apresentam a oração temporal como a que indica o momento/tempo da ação expressa pela oração principal, ou seja, as definições não se distinguem.

No L1, em outra tirinha de Gonsales: “Cadê o ratinho do titio”, há o seguinte enunciado:

Quando os porquinhos abrirem a porta para pegar a pizza, eu ataco.

Peraí...

A pizza é de lombinho!

1. Releia o primeiro quadrinho. Nele, além da oração principal, há duas orações adverbiais.

a) Qual é a oração principal?

b) Identifique e classifique as orações subordinadas adverbiais? (CEREJA, THEREZA, 2015, p.84)

Nessa atividade, o LD trabalha apenas classificação, quantificação e identificação das orações subordinadas adverbiais. Não há nenhuma pergunta sobre sua relação semântica. O **quando**, na maioria das vezes, denota temporalidade, mas não em todos os contextos. Ferreira (2008) apresenta em sua dissertação que o *quando* pode denotar sentido de *tempo*, *causa*, *condição*, *concessão* e *proporção*, por isso é importante mostrar essa função de temporalidade dentro do texto para que fique evidente ao aluno o seu envolvimento com a ação verbal e seu efeito de sentido no enunciado.

Em outra atividade, o L1 propõe o seguinte exercício:

5. No período ‘Depois de um tempão passando fome, resolvi preparar o frango com uma receita que encontrei na internet’, existem três orações: uma principal e duas subordinadas.

a) Identifique a oração principal.

b) Qual a oração subordinada adverbial reduzida de gerúndio?

c) Dê outra redação à oração subordinada adverbial, desenvolvendo-a.

d) Qual a classificação da oração subordinada adverbial, depois de desenvolvida? (CEREJA, THEREZA, 2015, p.85)

No início da atividade já se diz a quantidade das orações subordinadas, pressupondo-se que os alunos não sabem identificar e, como forma de facilitar, na visão dos autores, mostram a quantidade, o que pode prejudicar na produção escrita dos alunos.

DOI: <https://doi.org/10.32988/rep.v10n1.1137>

Dossiê “Possibilidades de trabalho com a Língua Portuguesa”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 1	1-20	e021007	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

O exercício (a), por exemplo, pede apenas a identificação da oração subordinada adverbial; o (b) solicita do aluno o “qual”, ou seja, exige a transcrição da ocorrência, após também identificá-la; o (c) pede o desenvolvimento da oração e o (d) pede a classificação após o desenvolvimento. Em nenhum momento questionou os alunos do uso da reduzida no texto, ou melhor, no fragmento retirado, se o uso do gerúndio (forma reduzida) promove algum outro efeito de sentido caso estivesse desenvolvida ou qual sentido promove estando reduzida.

Conclusão

O estudo das orações subordinadas adverbiais é importante para a produção escrita dos alunos, pois, conforme Malcon (2006), ela é um poderoso instrumento para interpretação e construção de textos, auxiliando na sua organização e coerência das sequências de fatos.

O L2, livro do ensino médio, quase em nenhum momento da análise foi mencionado. Isso se justifica pelo fato de o livro abordar as orações subordinadas em seu apêndice, entre as páginas 330 a 335. Nessas páginas, consta, de modo resumido, as coordenadas, subordinadas substantivas, adjetivas e adverbiais, não havendo nenhuma atividade relacionada ao seu conteúdo.

Destacamos abaixo a consideração dos autores do livro do 3º ano sobre análise sintática do período composto:

A análise da função que as orações podem exercer nos períodos, também conhecida como *análise sintática do período composto*, já teve, no passado, bastante relevância nos estudos de gramática na escola.

Nos dias de hoje, quando os estudos da língua se voltam mais para as funções sociais do texto e a adaptação da linguagem a situações de comunicação diversas - isto é, o uso da língua para produzir e ler textos dos mais variados gêneros de forma adequada e coerente - a análise das orações perdeu prestígio. Alguns de seus conceitos básicos, entretanto, podem auxiliar no estudo de certos tópicos importantes da gramática prescritiva e da norma-padrão, como a pontuação. (CEREJA; VIANNA; DAMIEN; 2016, p. 330)

Os autores consideram pouco importante os estudos atuais do período composto, afirmando ter perdido seu prestígio, visto que os estudos da língua se voltaram mais para as funções sociais do texto e que, desta forma, os alunos produzirão e lerão textos de forma mais adequada e coerente. Então questionamos: Como seria essa leitura e produção mais adequada e coerente? O estudo analítico do período composto perdeu prestígio por que os professores também sentem dificuldade de compreender e ensiná-lo ou por que, com o aumento dos gêneros e seus tipos textuais, torna-se mais difícil a explicação de sua função dentro do texto?

DOI: <https://doi.org/10.32988/rep.v10n1.1137>

Dossiê “Possibilidades de trabalho com a Língua Portuguesa”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 1	1-20	e021007	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

As explicações que justificam o uso e desuso de algo na língua, em alguns casos, não fazem sentido. Atualmente, com a expansão dos gêneros e tipos textuais, ainda mais por estarem voltados às funções sociais do texto, como afirmam os autores acima, é que o período composto deveria ganhar mais atenção, principalmente as adverbiais, em que, o gênero notícia, por exemplo, vem constituído de muitas informações específicas de lugar, do como aconteceu, do porquê etc, funções, como afirma Castilho (2016), específicas das sentenças adverbiais.

Os estudos das orações subordinadas são feitos no 9º ano do ensino fundamental e 3º ano do ensino médio, mas, nesta última, o conteúdo vir no apêndice pode ser uma forma de fazer com que o professor não as trabalhe em sala com seus alunos. Quanto ao livro do 9º ano, o conteúdo trabalha três habilidades: quantificação, classificação e identificação. Esse estudo voltado à classificação dos tipos e subtipos de categorias, gira em torno, segundo Antunes (2014, p.41), de uma “língua autônoma, de uma gramática desencarnada, abstraída de uma situação discursiva, em que concorrem cenas, participantes, sentidos, intenções, ajustes, negociações, interação, enfim.”, ou seja, o ensino da língua baseado na sua classificação não produzirá efeitos, levando em consideração os sentidos discursivos da língua, que ocupa múltiplas funções comunicativas que não se limitam apenas às classificações.

Além disso, apesar de o L1 tentar tratar das orações subordinadas de modo contextualizado, com tiras, anúncios, poemas, no momento das atividades, ainda se retirava fragmentos do texto para se ensinar as subordinadas de modo dissociado do uso. Antunes (2014, p. 42) então vai afirmar sobre isso que o texto não era objeto de estudo e que na feliz expressão de Marisa Lajolo, foi apenas um pretexto para ensinar as sequências das lições gramaticais. Antunes (2014) ainda argumenta que o termo “gramática contextualizada” veio como uma espécie de acordo, a gente recorre ao texto, mas garante a mesma forma de ensino, pautados na abordagem tradicional.

Portanto, nos casos observados na presente pesquisa, os livros didáticos mostram-se contribuidores/influenciadores pelas escritas não-padrão nos textos dos alunos, pois trabalham as conjunções subordinativas como determinantes da subordinação, além de ensinar a prática de substituição como a promotora dos efeitos subordinativos, não priorizando seus efeitos discursivos, apenas sua classificação, identificação e quantificação. Talvez seja por esta razão que os autores a consideram pouco importante, pois eles a trabalham apenas nesse sentido.

Quanto às conjunções, sempre utilizam as prototípicas nos exemplos demonstrados, e nas alternativas semânticas que possuíam uma mesma conjunção subordinativa, nenhum dos livros apresentaram contextos diferentes que mostrassem seus efeitos semânticos distintos, como evidenciado na discussão do texto A6, em que o livro afirma que o **como** pode desempenhar sentidos de conformidade, causa e comparação, mas exemplifica apenas com fragmentos em que o efeito é unicamente de causa. Talvez, novamente, com o intuito de não se contradizerem sobre o ensino pautado na substituição. Assim como em alguns casos exemplificam as subordinadas com ocorrências literárias prototípicas, em que o ensino é embasado em exemplos literários mais arcaicos. Neves (2003: 20), citada por Antunes (2014),

DOI: <https://doi.org/10.32988/rep.v10n1.1137>

Dossiê “Possibilidades de trabalho com a Língua Portuguesa”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 1	1-20	e021007	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

argumenta que um “padrão linguístico que se proponha fora da observação dos usos não constitui um padrão real”, ou seja, se não se considera o uso, não se pode considerar como um padrão significativo e determinante do uso. Para tanto, a escrita não-padrão das orações subordinadas adverbiais no texto dos alunos é também consequência do modo como o livro didático aborda o seu ensino, fugindo da realidade e das situações comunicativas e discursivas que fazem parte inerentemente do dia a dia do aluno, promovendo ocorrências afins.

Referências

- ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009
- _____. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- _____. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007
- _____. **Gramática contextualizada: limpando “o pó das ideias simples”**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014
- BARBOSA, Afrânio Gonsalves. Saberes gramaticais na escola. *In: Ensino de gramática: descrição e uso*. Editora Contexto: Silvia Rodrigues Vieira, Silvia Figueiredo Brandão, (organizadoras). 1. ed. São Paulo: Contexto, 2009
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006
- _____. **Gramática Escolar da Língua Portuguesa**. 2º edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010
- BRASIL (1998) **Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília/DF: MEC/SEF.
- CASTILHO, Ataliba T. **Nova gramática do português brasileiro**. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2016
- CEREJA, William Roberto. MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português linguagens**. 9º ano. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2015
- CEREJA, William Roberto. VIANNA, Carolina Dias. DAMIEN, Christiane. **Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso**. 3º ano. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2016
- CRISCUOLO, Ana Carolina Sperança. **Orações subordinadas substantivas sob uma perspectiva funcionalista-cognitivista: uma proposta de descrição e ensino**. Tese de doutorado. São Paulo, 2011
- _____. **Incompletudes da abordagem tradicional e suas implicações no ensino/aprendizagem da língua: um recorte sobre as relações de coordenação e subordinação nos períodos compostos**. São Paulo, Tese de mestrado. São Paulo, 2007
- CRISÓSTOMO, Monique Teixeira. **O livro didático de Língua Portuguesa: usos e contribuições para o ensino**. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, 2013

DOI: <https://doi.org/10.32988/rep.v10n1.1137>

Dossiê “Possibilidades de trabalho com a Língua Portuguesa”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 1	1-20	e021007	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

CUNHA, Celso. CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985

FERREIRA, Vanessa Pernas. **A conjunção subordinativa *quando* na perspectiva funcional-discursiva**. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 2008

MALCON, Cristina Feldens. **Ensino de Língua Portuguesa: desafios e encantamentos**. Dissertação de mestrado. Porto Alegre, 2007

MARQUES, Maria Helena Duarte. **Iniciação à semântica**. 4.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor., 1999

NEVES, M.H.M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

_____. **Que gramática estudar na escola? Norma e uso na Língua Portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2008

SOUZA, Tatiane Almeida de. **O livro didático e suas implicações no processo educativo sob a perspectiva docente**. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, 2018.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática: ensino plural**. São Paulo, Cortez, 2017.

Recebido em 25/05/2020

Aceito em 03/12/2020

Publicado em 30/06/2021

DOI: <https://doi.org/10.32988/rep.v10n1.1137>

Dossiê "Possibilidades de trabalho com a Língua Portuguesa"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 1	1-20	e021007	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

FROM THE TEXTBOOK TO THE STUDENT'S TEXT: THE ADVERBIAL SUBORDINATIONS BEYOND THE CONJUNCTIONS AND CLASSIFICATIONS

Leandro Dias Salvaterra
Universidade do Estado de Mato Grosso
(ld11071998@gmail.com)

Abstract

The present paper aims to explain and describe the non-standard ways to use adverbial subordinate sentences in the student's text of 9th and 3rd years from municipality of Nova Lacerda – MT. To dialogue with our work, we utilize traditional grammar, as Cunha & Cintra (1985) and Bechara (2010) and functional, corresponding the grammars of Neves (2001) and Castilho (2010). The *corpus* that composes the results of the analysis are texts (argumentative essay and letter of argumentative request) gathered by the students, as we use textbooks to explain occurrences which are not prescribed in grammars. We can verify that the use of textbooks contribute to the student's writing type, since the conjunctions are being approached as determinants of the subordination type and classification is considered to be more important than its semantic effect.

Keywords: Adverbial subordinate clause. Textbook. Grammar. Portuguese language teaching.

DOI: <https://doi.org/10.32988/rep.v10n1.1137>

Dossiê "Possibilidades de trabalho com a Língua Portuguesa"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 1	1-20	e021007	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

DEL LIBRO DIDÁCTICO AL TEXTO DEL ESTUDIANTE: LAS SUBORDINADAS ADVERBIALES MÁS ALLÁ DE LAS CONJUNCIONES Y CLASIFICACIONES

Leandro Dias Salvaterra
Universidade do Estado de Mato Grosso
(ld11071998@gmail.com)

Resumen

Este artículo tiene como objetivo explicar y describir los usos atípicos de las cláusulas adverbiales subordinadas en el texto de estudiantes de 9º y 3º año de Nova Lacerda - MT. Para dialogar con nuestro trabajo, utilizamos gramática con una característica tradicional, como Cunha y Cintra (1985) y Bechara (2010), y funcional, correspondiente a las gramáticas de Neves (2001) y Castilho (2010). El corpus que compone los resultados del análisis son textos (ensayo argumentativo y carta de solicitud argumentativa) recopilados de los estudiantes, así como utilizamos los libros didácticos para explicar las ocurrencias que no están prescritas en las reglas gramaticales. Se pudo comprobar que los libros de texto utilizados contribuyen al tipo de escritura de los estudiantes, ya que se abordan las conjunciones como determinantes del tipo de subordinación y se considera más importante la clasificación que su efecto semántico.

Palabras clave: Oración subordinada adverbial. Libro didáctico. Gramática. Enseñanza de la lengua portuguesa.

DOI: <https://doi.org/10.32988/rep.v10n1.1137>

Dossiê "Possibilidades de trabalho com a Língua Portuguesa"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 1	1-20	e021007	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas
Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil
<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>